

Hegemonia e “autogestão” no MST

Evelyne Medeiros Pereira

Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Com referência na perspectiva marxista-gramsciana, o estudo que ora se apresenta pretende analisar as repercussões das estratégias organizativas (em âmbito econômico e político) da classe trabalhadora na construção de uma nova hegemonia na sociedade brasileira. Para isso, tomaremos como base as experiências vigentes, desenvolvidas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST. Vale ressaltar que partiremos do ponto de vista das contradições, não apenas dessas estratégias, mas da própria sociedade capitalista.

Palavras-chave: Hegemonia; Autogestão; MST.

Resumen

Con referencia en la perspectiva marxista-gramsciana, el estudio que aqui se presenta pretende analizar las repercusiones de las estrategias organizativas (en el ambito económico y político) de la clase trabajadora em la construcción de una nueva hegemonia en la sociedad brasilera. Para eso, tomaremos como base las experiencias vigentes, desarrolladas por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra/MST. Vale resaltar que partiremos del punto de vista de las contradicciones, no apenas de esas estratégias, mas de la propia sociedad capitalista.

Palabras clave: Hegemonia; Autogestión; MST.

Com o desenvolvimento das forças produtivas na sociedade capitalista tem-se produzido de forma crescente a “questão social”, produto das contradições engendradas pela relação capital - trabalho que vem tomando expressividade no conjunto de problemáticas sociais, econômicas e políticas, aprofundando as relações de subalternização daqueles que vivem do seu trabalho.

Desta forma, as classes subalternas no Brasil, na tentativa incessante de se reproduzirem, acirram conflitos que passam a ter maior expressividade no âmbito da *política*.

Nesse contexto, podemos destacar a formação e consolidação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, criado em 1984, formado por famílias camponesas organizadas em acampamentos e assentamentos, que atualmente abrange todas as regiões do país. Esse Movimento, que nasce com a bandeira da *Reforma Agrária*, tem se desafiado a contribuir para o processo de transformação social e “autogestão” dos camponeses através de lutas e estratégias de organização política (*Gestão Coletiva*) e econômica (*Cooperação Agrícola*).

Tomamos, portanto, como objetivo analisar tais experiências - com foco nos assentamentos do estado do Ceará - buscando compreender suas contradições e interferências no âmbito da *correlação de forças* e *hegemonia* na sociedade brasileira.

Para alcançar tal objetivo, foi priorizado um estudo analítico de base qualitativa com a utilização de análise documental, grupos focais e entrevistas semi-estruturadas. Isto mediante pesquisa de campo realizada nos assentamentos cearenses.

Este estudo tem como referência a perspectiva marxista-gramsciana desenvolvida pelo intelectual e militante italiano Antônio Gramsci (1891-1937) e seus sucessores, em especial no que diz respeito às concepções de Estado, sociedade civil e hegemonia, com foco nas reflexões desenvolvidas sobre a “autogestão” dos trabalhadores, a exemplo dos *conselhos de Turin*.

Acreditamos que tal perspectiva lança muitas contribuições ao marxismo, em especial sobre a concepção de *Estado Ampliado* e

hegemonia, que, nessa ótica, não é fruto apenas da coerção, mas também da *correlação de forças* no campo das ideologias e organização da cultura, fundamental para a constituição de um *bloco histórico*, aqui entendido a partir da relação de unidade dialética entre estrutura (forças produtivas e condições materiais) e superestrutura (sociedade civil e sociedade política).

Assim, assumimos o desafio de analisar criticamente os processos denominados de “autogestão” com base na concretude das experiências organizativas desenvolvidas pelo MST. Isto sem perder de vista a lógica de *alienação* vigente, fundada em uma estrutura de exploração do *trabalho alienado*, exigindo uma parcialidade, conformismo e exploração daqueles que vendem sua força de trabalho.

Percebemos, portanto, que tais experiências caminham entre as contradições da sociedade capitalista sendo, por um lado, partícipes da ordem sociometabólica do capital e, em contrapartida, representando um importante instrumento pedagógico, em prol do trabalho, no processo de *tomada de consciência* e intervenção da classe trabalhadora no movimento histórico na perspectiva de emancipação humana que, no entanto, demanda outras *mediações*.